



ADERNO

Pertence a *Luiz*

Gouthero

"*Poesias e artigos publicados*"

2

Minha mãe

*Na superfície de seus olhos baços
Toda a candura de outros tempos móra;
E' a mesma santa, que, no collo, outróra,
Tão docemente me apertava aos braços.*

*Do tempo a marcha, em vigoróssos traços,
O seu cabello de ébano descóra;
Curva-lhe o dorso levemente e agóra
Tambem lhe causa dores e cansaços.*

*Tendo-a, tenho, feliz, o que desejo,
Pois, nos seus ólhos, meu futuro vejo,
Como atravéz do mais delgado véo...*

*Assim velhinha mesmo se revêla
Tão meiga e bôa para mim, que, nella,
Penso estar vendo minha Mãe do céo.*

Niteroi, 1-10-923.

ISMAEL COUTINHO.

"Município" do dia 20 de Janeiro
de 1924.

Lavras

Ismael Coutinho

Ha dias que a nossa cidade tem o prazer de hospedar o intelligente joven Ismael Coutinho, cunhado do nosso amigo Sesostres Leal Paixão, Agente do Banco C. Real

O distincto moço vem cursando com raro brilhantismo o Seminario de Nictheroy, sendo de esperar-se, pelos seus bellissimos dotes intellectuaes um illustrado representante do Clero e denodado defensor da Egreja Catholica.

"Município" de 20-1-1924

Lavras

Natal

Da caminhada imensa desse dia
Os corpos lassos os esposos têm ;
Para acolhel-os, em Jerusalém,
Nem uma porta hópitalar se abria.

Vão demandando o rumo de Belém,
Mas desce a noite tenebrosa e fria...
Um antro buscam de animaes que havia,
E alli, ao mundo Jesus Christo vem.

Descem dos montes os zagaes cantando,
Que os despertára um astro rutilando,
Pelas encostas, em caudal de luz...

José se inclina e o Deus Menino adora,
Maria o abraça embevecida e fóra
Cantam os anjos que nasceu Jesus.

Ismael COUTINHO

Niteroi, 30/9/923

"Município" de 27-1-1924

Lavras

RUINAS...

Debruçado sobre a janella do passado, alorguei a vista pela neblina pardacenta do tempo. Minha pobre alma, como deves estar desolada com a contemplação do quadro evocativo que se desenhou ao teu olhar tristonho! Ruínas sobre ruínas... Nunca poderia acreditar que a mão do tempo fosse tão impiedosa, si a realidade não estivesse, alli, palpavel, esmagadora.

A herva crescia desordenadamente, na preocupação de quem esperava irrequieta o momento solemne da vindicta. Tanto tempo recalçada pela mão laboriosa do homem, dava apenas indicios vagos de que vivia. Vivia? Sim, vivia, mas uma vida latente, uma vida enfezada, uma vida em que concentrava todas as energias para não perecer na lucta, vida, emfim, de odio e de vingança. Esta chegou tremenda e apothetica. Braços de hera subiam pelas paredes esburacadas da vetusta fazenda abandonada, em verdadeiras scenas de vandalismo, como a quererem sugar os ultimos resquicios de vitalidade daquelle organismo senil e depauperado. As trepadeiras, em contorções lethaes, agatanhavam o gradil da varanda, cujo soalho, em declive bem accentuado, apresentava,

a espaços, profundas gretas; es-parramavam-se pela escadaria já carcomida pelo tempo, subiam pelos caibros descarnados, enrodilhavam-se no tecto e balouçavam suas flores nos beirões, á guisa de galhardetes, cantando a óde triumphal da victoria. Apenas as guaximas se continham á distancia, olhando, reverentes, aquelles destroços do soberbo solar senhorial.

A propria agua, trefega e sonora, que corria a movimentar a mó da azenha, cantando a canção da saude e da fertilidade, um encanto em outros tempos, era agora de uma monotonia que horripilava. Não mais o bando folgazão de passaros em festa, sob a glauca ramaria das arvores copadas, a emprestar áquella paisagem as notas suaves de seus hymnos malinaes! Era uma verdadeira desolação!

Instinctivamente, sem mesmo attentar no que dizia, como si falasse a um interlocutor, na angustia suprema de um coração ralado pela saudade e pelo dor, bradei: Meu Deus, que fatalidade!

Minhas palavras, como um dobre de finados, longo tempo reboaram pela espessura daquelle silencio lugubre.

Quiz falar, quiz gritar. As lagrimas abafaram-me a voz na garganta. Era a voz da saudade que agóra falava...

João das Chagas.

"Município" de 27-1-1924
Lavras

SOROR THERESINHA

AO M. BUENO

*Pela janella aberta entra um nimbo de luz
Que da cella a tristeza e as sombras ameniza;
Sobre um duro enxergão, calmamente, agoniza
A esposa angelical do Menino Jesus.*

*Tem fito o meigo olhar n'um ponto que o seduz,
Como a agulha fiel que o norte magnetiza;
E que refulge alli, sobre a parede lisa,
O Christo Redemptor, nos braços de uma cruz.*

*Tem pressa de acabar que já o noivo a espera...
A alma lhe desabrocha em plena primavera,
Padeça o corpo, embóra, as mais cruciantes dôres:*

*Dos olhos ao redor, a nevoa se lhe espessa,
De novo, tenta, em vão, repetir a promessa
De enviar sobre a terra um chuveiro de flôres.*

Ismael Coutinho.

"Município" do dia 3 de Fevereiro

de 1924

Lavras

DA MINHA JANELLA

(AO ISMAEL)

Ao ver assim passar o inquieto bando
Dos pequeninos para o catecismo,
D'esta janella minha, eu penso e scismo,
E vou dos velhos tempos me lembrando.

Era tambem assim pequeno quando,
Dos males d'hoje alheio ao cataclismo,
Ia aprender, á luz do christianismo,
A detestar o crime e o mal nefando.

Depois me lembro, com prazer infindo,
D'aquelle padre, que vivia rindo,
Como o mais creança dentre todos nós.

E vejo agóra, vinte annos após,
Que passou tudo, tudo está mudado,
Só elle, o padre, ainda ri, coitado!...

M. BUENO

"Município" de 27-1-1924

Lavras

Desfazendo um equívoco

A propósito do vocabulo *Mariano*, que muitos erradamente escrevem *Marianno*, o illustre philologo portuguez, sr. Candido de Figueiredo, diz, a paginas 110, do seu livro intitulado: *O que se não deve dizer*: "Mariano, propriamente falando, é adjectivo de Maria: "Horas marianas": frades marianos".

Tenho em alto conceito os trabalhos linguisticos do sr. Candido de Figueiredo, e, por isso, desejo vel-os expurgados de ligeiros senões, que, embora os não maculem, tal é o seu valor, todavia, não deixam de lhes empannar o brilho.

Candido de Figueiredo foi, e será sempre, para mim, mestre dos mais conceituados, em questões de linguagem.

É bem conhecido de todos o zelo com que se tem empenhado no estudo dos mais difficeis e intrincados problemas do nosso idioma.

O vasto elenco das suas obras, muitas das quaes já andam pela quarta edição, numa época como a actual, em que os

trabalhos de philologia tão pouco interesse despertam nas duas patrias irmans, é um attestado seguro da sua competência e da estima que merece dos estudiosos.

Escrevendo para os jornaes, muitas vezes na propria escrevaninha das redacções, como elle affirma, Candido de Figueiredo nem sempre dispõe do tempo necessario ao estudo e á meditação dos casos que lhe são propostos. D'ahi os deslizes, que, a espaços, apparecem em suas obras.

Um exemplo typico do meu asserto é a derivação de *Mariano*, que o sr. Candido de Figueiredo foi buscar ao vocabulo Maria.

Mariano não se deriva de Maria, mas de Mario, o feroz dictador romano que o sr. Figueiredo bem conhece (pela Historia, já se vê) e que foi implacavel adversario de Sylla.

Mariano, como adjectivo derivado de Mario, foi usado no tempo de Augusto pelo poeta Propercio:

"Aut quibus in campis *Mariano* proelia signo stant".

Marianos eram chamados os partidarios de Mario, como *Syllanos*, os de Sylla; *Pompeianos*, os de Pompeu, etc.

O vocabulo *mariano* mudou de categoria; de adjectivo que

era, passou a ser nome proprio, facto allás tantas vezes verificado. Haia vista: *Herculano* derivado de Hercules; *Emiliano*, de Emilio; *Juliano* de Julio; *Valeriano*, de Valerio etc.

Marco Valerio Marcial fala nos de um *Mariano*: "Supr quod fieri nil, *Mariane*, potest" Maria teve a sua vulgarização com o advento do christianismo. *Mariano*, porém, já circulava antes do apparecimento do christianismo; portanto, conclusão logica é que *Mariano* não se deriva de Maria mas de Mario. "Frades marianos", "congregação mariana" está bem dicto. A derivação aqui é clara, logo denotada pelo intuito religioso dessas fundações. Maria é a sua protectora, della tiram o nome. Ahi ficam consignadas minhas ligeiras observações.

A' vista dellas, o sr. Candido de Figueiredo, amigo da verdade, como é, não deixará estou quasi certo, de corrigir a opinião que, *currente calamo* formulou numa hora de somnolencia.

"Indignor quandoque bonum dormitat Homerus..."

Ismael Coutinho.

Eu, por mim, si fosse consultado sobre a palavra rapsódica

"Município" do dia 3-2-1924 - Lavras

dia, responderia que se pronun-
ciasse *rapsódia*, pelo simples
motivo de ser a pronuncia de
toda a gente, que é, segundo
o velho conceito de Horacio,
a quem pertence o direito de
falar: *jus et mos loquendi*

Ismael Coutinho.

NOTA — *Escrevendo, ás pressas,
sem livros para consulta, valendo-
nos apenas da memoria, fomos victi-
ma de um engano quando asseve-
rámos que em período figura o ele-
mento óde (canto). Contribuiu para
nosso engano a correspondencia de
sons que ha entre óde (canto) e
odo (caminho). A palavra grega
que entra na composição de perío-
do é odo (caminho), em que o o
é breve (ómíeron), nada tendo, por
isso, que vêr com o caso do Sr.
Candido de Figueiredo.--I. C.*

RETORNO

Eis me de volta ao meu solar antigo,
Depois de longos, tenebrosos annos,
Passados a formar milhões de planos
De um dia regressar ao tecto amigo !

A porta aberta em par ... Disse cõmmigo :
«Vou sorprehender lá dentro a mãe e os manos»...
Mas tudo era deserto ! Em desenganos
Mudou-se-me a illusão, meu terno abrigo.

O tecto a desabar... o parque em calma...
Cinzas das coisas mortas, ruinas d'alma,
A mim tal dôr poupae por caridade...

Mesto chorei como Jesus no Horto,
Alli, á vista do passado morto,
O pranto de dez annos de saudade.

Niteroi, 31-3-922

ISMAEL COUTINHO

"Lyra"

Resende

A cigarra

*Occulta sob a fronde da mangueira
De um horto ameno que me fica ao lado,
Mal vem o estio, já seu negro fado
Geme a cigarra sempre a tarde inteira.*

*A' sua voz de velha cantadeira
Ha muito tenho o ouvido acostumado,
E, si ella pára, vou, sobresaltado,
A perguntar-lhe a causa verdadeira.*

*Expira a tarde sem que lhe ouça o canto,
Dos olhos tristes já me desce o pranto,
Indago os ramos pelo azul dispersos...*

*Bem deitadinha sobre a terra, vi-a,
Toda encolhida, inanimada e fria:
Morreu cantando os derradeiros versos.*

Niteroi, 28-9-1923.

Ismael Coutinho.

"Município" de 17-2-1924

Lavras

EM TORNO DE UMA PRONUNCIA

Candido de Figueiredo diz que devemos dizer *Quíloa*, em vez de *Quilôa*, pronuncia hoje geralmente seguida.

Fundamenta a sua opinião com as duas seguintes razões:

1.ª Si outra fosse a pronuncia da palavra, o verso de Camões: "A Quíloa fertil arpero castigo" estaria errado;

2.ª E' a pronuncia commum dos inglezes.

São bem fracas as razões que se vão buscar aos poetas da idade classica para o estabelecimento de uma pronuncia, pois, é bem conhecido de todos, pelo menos dos estudiosos, o seu exaggero no uso das chamadas licenças poeticas.

Camões, que é a alavanca de Archimedes do sr. Candido de Figueiredo no caso em questão, deixou-se tambem influenciar pelos exemplos dos seus antecessores e contemporaneos, e perpetrou, nos "LUSIADAS", *Dário, Próteo, Théseo, Semirâmis, Naiâdes, Cleopâtra, Eólo, Ethiôpes*, etc., que eu aposto que o sr. Candido de Figueiredo não subscreveria.

Quem, pela necessidade do verso, escreveu *Dário, Próteo, Théseo*, etc., não poderia tambem, pela mesma necessidade, ter escripto *Quíloa*? A resposta fica ao sr. Candido de Figueiredo.

A segunda razão do sr. Candido de Figueiredo é de tal modo inconsistente, que nem parece ser de um philologo.

Ora, o inglez! Que tem que o inglez diga *Kilwa* e nós *Quilôa*? Não diz o inglez *potatoes* e nós *batatas*?

Cada qual governa em sua casa. Nem está errado o inglez quando diz *potatoes*, nem nós quando dizemos *batatas*.

Em questão de linguagem, nada devemos ao inglez, somos completamente autónomos. Dependemos da Inglaterra sómente na questão monetaria. Em tudo o mais, somos livres.

Os inglezes dizem *Milan* e nós, que nada temos que ver com os inglezes, dizemos *Milão*; os inglezes *Róterdam*, nós *Rotterdão*; *Bérlin*, nós *Berlim*; *Páris*, nós *Paris*; *Brásil*, nós *Brasil*; *Pórtugal*, nós *Portugál*; *Hólland*, nós *Hollanda*; *Hánover*, nós *Hanóver*; *Kilwa*, nós... como dizemos nós?

Gibraltár, que o sr. Candido de Figueiredo, aliás com muita razão, disse que é palavra oxytona, tambem não passou incolume pela bocca dos inglezes. De *Gibraltár*, que é a pronuncia correctá, conforme a etymologia que explica com o nome do chefe arabe *Tarik*, em que o *a* é longo, o alongamento da ultima syllaba de *Gibraltar*, sabe o sr. Candido de Figueiredo o que fizeram os inglezes? Nem mais nem menos que *Gibráltar*.

Veja o sr. Candido de Figueiredo, pelo que ahí fica dicto, que escolher o inglez, como guia, na pronuncia de uma palavra portugueza, é ser discipulo de um pessimo mestre.

Devemos pronunciar *Quíloa* ou *Quilôa*? Pronunciem lá como quizerem. Eu vou na onda com os que pronunciam *Quilôa*. Estou errado? Não importa. Emquanto não vierem razões mais fortes...

Ismael Coutinho.

NOTA—A' nossa revisão do artigo do numero passado "Motivos frageis" ainda escaparam os seguintes erros: *Euaminemos* em que... por *examinemos* as razões em que...; *honophonia* por *homophonia*; *elemento da formação* por *elemento de formação*; *inumeros* por *innumeros*.

I. C.

"Município" de 10-2-1924
Lavras

"O Biblismo"

"O Biblismo" tal é o titulo do novo livro do Pe. Dubois. Novo, dizemos nós, não sómente porque é o ultimo publicado pelo auctor, como tambem porque trata de assumpto de palpitante actualidade. Pelo norte do paiz, a reputação do Pe. Dubois está firmada de maneira a dispensar qualquer commentario. Pelo sul, porém, principalmente cá pelo interior do estado, o Pe. Dubois era, até então, quasi desconhecido. Actualmente, não podemos dizer o mesmo. Depois das celebres conferencias que fez, em Bello Horizonte, este illustre barnabita, o seu nome, levado nas azas possantes do "Minas Geraes" aplainou montanhas, transpoz valles, penetrou cidades, villas e arraiaes. Tornou-se conhecido. O Pe. Dubois não é sómente o conferencista de escóti, cuja palavra agradável encontra sempre ecos de sympathia no peito de cada brasileiro; é tambem o escriptor de pulso, o jornalista vigoroso que, de viseira erguida, arremete contra a heresia protestante.

Prova-o, com sufficiência e exactidão, o livro "O Biblismo".

"O Biblismo" é uma collecção de artigos de polemica, enfeixados em livro, que, a despeito de serem escriptos no

calor da pugna, são bem fundamentados, de uma "documentação seria" como diz o auctor no prologo e de uma logica que convence.

Alma de apóstolo, cheia de fé e zelo pela causa do bem, o Pe. Dubois, que é francez e ama muito a sua patria, não caiu nos euphemismos de muitos dos seus conterraneos, não se preocupou, para falarmos ás claras e sem embages, de *fazer litteratura*. E' elle mesmo quem o diz no prologo: "Não leiam este livro os que vão atraz de linguagem academica".

A sua linguagem é, não obstante, sóbria, natural e agradável.

O imprevisto da resposta, a rapidez e o tom peculiar com que a dá, provoca, ás vezes, no leitor, gargalhadas de satisfação.

Dado o caracter apodictico e, por vezes, apologetico da obra, que deve ser lida e meditada por todas as intelligencias, o Pe. Dubois saiu-se admiravelmente bem na publicação de "O Biblismo".

O velho realejo de objecções dos nossos amigos protestantes foi desfeito de uma maneira clara e precisa. Tudo bem fundamentado e demonstrado.

"O Biblismo" é, numa palavra, util, necessario e até imprescindivel ao bom catholico que se interessa pela causa da sua santa religião.

J. C.

"Município" de 17-2-1924

Lavras

ALMAS PENADAS

Já, por certo, leitor, ouviste falar nas celebres aparições de almas do outro mundo, que a imaginação fecunda dos nossos sertanejos descobre em cada porteira que se levanta no leito dos caminhos, em cada moita que se insula ao contacto das outras arvores, em cada encruzilhada que se bifurca, em cada cruz que dilata os seus toscos braços a supplicar do viandante a esmola de uma prece.

Coisas espantosas, coisas de arrepiar o cabello, se ouvem pelos serões, contadas sob os mais seguros juramentos, entrecortadas, a cada momento, pelas interjeições de uso communissimo entre os sertanejos: "Cruz! Credo! Ave Maria!" A tropa marchava lentamente ao longo da estrada, no seu passo habitual, ao som compassado e monótono da campainha que tintinabulava suspensa do pescoço da *madrinha*.

Um diluvio de sangue coloria as nuvens esbranquiçadas que orlavam a tunica do horizonte, para o lado do poente. Era a agonia do sol.

A um assobio mais forte dos tropeiros, as mulas arrancaram num trote apressado.

Era preciso que chegassemos ao rancho, antes que a noite nos surpreendesse. Delle distavamos seguramente uns oito kilometros. Atravessavamos agóra uma pequena floresta, formada de poucas, mas gigantescas arvores, ao estridulo zangarreio das cigarras. Os passaros já

se haviam acolhido aos seus ninhos. Apenas, uma ou outra jurity retardataria soltava, suspirosa, ás brisas perfumadas da tarde, as endeixas sentidas da sua viuvez abandonada.

Era a hora solemne do *Angelus*, hora da tristeza e da saudade.

A alma do tropeiro sente-se nesta hora invadida de um sentimento novo, que elle mesmo não sabe explicar, um mixto de alegria e de saudade. Alegria da viagem, porque é viajando que o tropeiro se julga feliz; saudade dos filhos e da mulher que deixou atraz, sem saber quando o seu mistér, que é para elle um sacerdocio, lhe permittirá vê-los. O coração se lhe enternece e não obstante o cansaço da immensa caminhada do dia, o tropeiro canta, para espantar as maguas, como elle diz, na sua linguagem barbara mas cheia de poesia, canções de tal poder evocativo e de uma unção tão doce, que as lagrimas nos rebentam dos olhos. Parece que lhe anda na voz a propria alma ralada pelos espinhos acerados da saudade. Pobre tropeiro!

Já os coriagos gyravam, mirabolavam, aqui e alli, annunciando com o seu pio nostalgico e lugubre de ave das trevas, a approximação da noite. Esta chegou, com todo o esplendor de sua majestade olympica, desenrolando as dobras do seu manto de velludo, recainado de pequeninas pérolas, sobre a crista das montanhas. Chegou mesmo ao tempo em que ganhavamos o rancho.

(Continua)

Com certeza, o leitor já conhece esses improvisados ranchos, erigidos á beira das estradas, para abrigo dos tropeiros.

Quatro roliços esteios, sustentando um tecto de sapé, com duas divisões apenas; uma, de estuque, ao fundo, destinada ao descanso dos tropeiros, outra, voltada para o caminho, sem paredes, servindo de deposito para os arreios.

Ha um momento em que todos se empenham com ardor igual no trabalho: é no do descarregamento das azemulas. Desapertam-se correias, afas-

lam-se cangalhas, tiram-se cabrestos e tudo é collocado, com regularidade e ordem, no interior do rancho. Acceso o fogo, coisa imprescindivel, em taes circumstancias, com gravetos chapotados alli mesmo, começaram os tropeiros a preparar a ceia, que constou, exclusivamente, de carne secca, queijo e uma pouca de farinha. Havia entre elles um, por nome Manoel Tropeiro, velho capataz da fazenda, homem destemido, mas cheio de superstições, que conhecia muitos casos de apparição de almas do outro mundo.

Eu, que ardia em desejos de ouvir-o, finda a ceia, suppliquei-lhe que nos contasse alguma historia de almas do outro mundo.

O velho não gostou do pedido, tal como lhe foi formulado. Aquelle historia soou aos seus ouvidos como alguma coisa de phantastico, que ia tirar, aos seus casos, toda a veracidade que elle lhes emprestava.

Notei-lhe esse movimento instinctivo de aborrecimento e logo corrigi:

—Um caso de apparição de almas, bem veridico, desses que o sr. sabe...

Recobrou logo o homem habitual. Era o ponto vulneravel do Manoel Tropeiro. Gostava de ser ouvido. Esboçasse o ouvinte, no meio da narrativa, um sorriso de incredulidade e o Manoel Tropeiro logo estourava em invectivas contra elle: Que fosse para o diabo! Que se não acreditava para que lhe foi pedir que contasse! Que nunca mentiu em sua vida! Que detestava mais a mentira do que a lepra! Que tinha graça, elle, um homem de barba branca, a contar historias da Carochinha!

Ouvil-o, porém, com attenção, convicto do que elle contava, era um prazer singular para o Manoel Tropeiro. Desfazia-se todo em circumstancias de lugar e de tempo; detinha-se em descrever as scenas mais variadas, com uma facilidade de causar admiração; descia ás minimas particularidades; era infatigavel.

O pequeno auditorio, composto de cinco pessoas, acorçado sobre os calcanhares, esperava, ancioso, a palavra auctorizada do velho tropeiro.

Manoel repassou, um instante, pela memoria, os casos mais sensacionaes de apparição, e, feita a escolha, começou a narrativa.

João das Chagas.

(Continúa.)

"Municípios" de 17-2-1924
Lavras

Conselhos paternos

"Filho, fortuna angariar não pude
"E nem a vida em l'a alcançar poupei-a,
"Mas tens de bençams toda a alma cheia
"E dos exemplos de mais sã virtude.

"Quando no meio da peleja rude,
"Não dês ouvido aos cantos da seveia;
"Não fales nunca da existencia alheia,
"Toma cuidado que a apparencia illude.

Ouço-lhe ainda a exhortação antiga,
A voz pausada, carinhosa e amiga
Como um som morto a pervagar no escuro...

Embora ausente sempre o tenho ao lado,
Pois vou buscar no exemplo do passado
O modelo a observar no meu futuro,

Ismael COUTINHO

Niterói, 1/11/923

"Município" de 24 de Fevereiro de 1924

Laoras

EM TORNO DE UMA

DERIVAÇÃO

O sr. Candido Figueiredo diz que devemos escrever *letra* e não, *lettra*, porque a palavra nos veiu do latim *litera*, que se deriva de *litura*, com pequena modificação. Nas suas afirmações categoricas, o sr. Candido de Figueiredo vai ainda mais longe e diz que, nas inscrições latinas antigas, a unica fôrma empregada é *litera*. *Littera* appareceu depois, decreta do alto da sua cadeira de pontifice; tanto assim que Calepino não a regista.

Não é objectivo nosso discutir aqui esta ultima questão e, por isso, nos limitamos a enviar o sr. Candido de Figueiredo ao sr. Porcellini, que é muito boa pessoa, auctor do «Lexicon totius latinitatis», onde terá o illustre philologo portuguez occasião de ver, citados, os nomes de homens respeitaveis, que, nas mais remotas inscrições, encontraram sempre a fôrma *litera* ao lado de *littera*.

O omitir Calepino a fôrma *littera*, contra todos os dictionaristas que unanimemente a registam, não é razão bastante para o sr. Candido de Figueiredo concluir que, anteriormente a elle, tal fôrma não fosse usada.

A fôrma *pecego*, embora contraria á etymologia, é mais corrente que *pessego* e não obstante o sr. Candido de Figueiredo não a regista em o seu «Novo Diccianario da Lingua Portuguesa».

Voltemos á palavra *litera*, que o sr. Candido de Figueiredo afirma categoricamente derivar-se de *litura*. Escreva-se *litera* (letra, em portuguez) porque todas as etymologias mais ou menos provaveis prescrevem que assim se escreva, está bem; mas que se escreva deste modo, porque se deriva de *litura*, não, pelo simples motivo da divergencia que ha, a este respeito, entre os grammaticos. *Grammatici certant*, como lá dizia o amigo Horacio.

Priscio diz que *litera* vem, por contracção, de *legitera* (*legere*, ler e *iter*, caminho, via), porque é com as letras que chegamos á leitura das palavras.

Scaliger deriva-a de *lineatura* (linha) e Vossius considera-a um adjectivo comparativo da palavra grega *litós*, que significa delgado, pequeno.

Burgraff vai mais longe no caminho das conjecturas. Para elle *litera* vem do teutonico *lit*, *let*, *glied* (membro, articulação).

Veja o sr. Candido de Figueiredo, por ahi, a diversidade de opiniões que ha entre os auctores, sobre este ponto. Entre as conjecturas formuladas, a do sr. Candido de Figueiredo é, a meu ver, a mais facil de ser sustentada. Não obstante, é tambem conjectura. Emquanto a questão não estiver completamente dirimida, não deve o sr. Candido Figueiredo asseverar categoricamente o que é apenas plausivel.

Exponha-se como certo o que é certo e como controvertido o que está sob controversia.

Querera o sr. Candido Figueiredo insistir na mesma tectla? *De gustibus non est disputandum...*

Manuscrito de 24-2-1924
Lima